A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

Ano II—Numero 96 Preço avulso 1 Escudo 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES

COCAÍNA!

Uma graciosa actriz que iluminou a scena portugueza com a sua beleza ficou transformada num tragico farrapo humano, depois que adquiriu o vicio do terrivel alcaloide.

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de André Brun, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, Maia Alcoforado, etc.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 96

LISBOA 14 DE NOVEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Arvores

A Camara decidiu cortar as arvores da Praça dos Restaudores. Áqueles dos nossos leitores da provincia que não conheçam a referida praça dir-lhe-hemos que é uma das mais belas de Lisboa e que, justamente o que lhe dava pitoresco eram as arvores.

Somos absolutamente de opinião contraria á dos individuos que ora ocupam as cadeiras dos antigos vereadores. As arvores de Lisboa, mesmo velhinhas, são preferiveis a nada. E, as olais dos Restauradores eram lindissimas. E' uma triste sina, a falta de gosto estetico em quem transpõe os umbrais do municioio. Que fazer!

As companhias estrangeiras

O teatro português está atravessando uma crise formidavel. Apezar disso, emprezarios que negoceiam com a vinda a Lisboa de elencos estrangeirso firmam já contratos para as exibições desses nucleos. O ministro Santos Silva tinha em preparação um decreto que prohibia terminantemente a sua vinda a Lisboa.

Para onde foi, com a nova situação, esse decreto?

Ha que proteger os artistas nacionais e o governo para ser justo tem que encarar a serio a crise desses milhares de trabalhadores de teatro, passando por cima dos interesses restrictos dos emprezarios e acababando de vez com essa exploração «snob» de todos os invernos. Sabemos que alguns alguns pensam numa grande reunião para esse fim.

Coisas muito importantes Transito e multas

Já há tempos escrevemos alguma coisa contra a forma porque entre nós se encaram estes gravissimos problemas que hoje preocupam as vereações e as policias urbanas nas grandes cidades. Em Lisboa, as pessoas encarregues de os resolver não têm sabido—fora de toda a duvida—estabelecer as normas a uma precisa fiscalisação. A situação é insustentavel. O processo por que, vexatoriamente, em plena cidade, se faz a caça á multa, e que já verberámos, continua. Não queremos saber da seriedade dos fiscais, que no Governo Civil nos afiançaram ser perfeita. O que afirmamos é que sem prova testemunhal, e sem legitima e pratica defeza do «chauffeur», a multa de transito continua a ser um imposto formidavel e intoleravel.

O automovel de *O Domingo*, talvez por este jornal ter tomado a peito a defeza dos «chauffeurs», é vitima dos fiscais, que já o «tomaram de ponta». Ainda agora, á propria saida da garage, e com o motor frio, eles nos fizeram a costumada espera e nos deram os «bons dias».

A multa é precisa—mas não como fonte de receita.

Alem disso, na policia ha o odio ao «chauffeur» amador, que é considerado *um parasita rico que com o seu dinheiro faz pouco da policia.*

Nada mais estupidamente injusto. Ter um automovel pequeno para o serviço dum medico, dum jornal, dum quartel ou dum hospital—não é um luxo. Pois a policia nada distingue!

O JOVEN LAUREADO

— Menino, o que é o assucar?
— E' uma coisa que dá mau gosto ao café quando se lhe não mistura.

Má língua

FEMINICES

Diz um jornal, e se calhar é certo,
que vae ficar, na America do Norte
— onde a vida parece um ceu aberto —
a mulher sobreposta ao sexo forte.

Parece que houve lá nova eleição;
— uma coisa frequente a mais não ser
pois o yankee é um grande figurão
que arranja sempre com que se entreter;

quando não ha o Dempsey, ou qualquer,
que leve quatro murros bem puxados
com eleições se arranja o que se quer:
—cidadãos de narizes esmurrados.

E' bom. E' desportivo. A' voz das urnas
a multidão se agita e convulsiona;
e ha bernardas ruidosas ou soturnas,
e ha sujeitos correndo a marathona.

Muitas mães, com disvelo maternal
carreiam seus bébés,—loiras delicias! —
e cumprem o dever eleitoral
confiando os rebentinhos aos policias.

E algumas são eleitas, proclamadas,
adquirem pezo na governação.
Agora, lá vão quatro deputadas!
(Sera o record, quanto á deputação?)

Ora o melhor, (Se é verdadeira a Historia,
que ás vezes na mentira não é pêca)
é que trez dessas damas têm a gloria
de estar . . . a ferro e fogo c'a a lei sêcca.

Não cuido de encontrar o ponto fraco
em qualquer invasão do feminismo;
nos parlamentos, se é preciso «cáco»
tambem faz muito arranjo o patriotismo;

assim fossem patriotas a S. Bento!
Embora tendo cerebros opacos
já em cada sessão do parlamento
veriamos mais «cáco» e menos cácos . . .

Porém, no caso acima, o que me admira
é ver que o sexo fragil se encaminha
á destruição da norma que banira
os mil inconvenientes da ginginha.

Deputadas que assim se desuggraram
com certeza que têm marido á perna
e ambicionam as ferias que gosaram
quando elle ia abancar para a taberna.

Se não, são solteironas sem remedio
que invejam as venturas da vizinha
e querem desforrar-se do seu tedio
ouvindo ás vezes uma scenasinha . . .

Ou então, porque as crises da borracha
as façam ver demais o fundo ao tacho
entendem que a Lei Sêcca as atarracha
por provocar a crise do borracho . . .

Cuido que antes serão velhas gaiteiras
com pouco encephalo e bastantes rugas
que se consagram a dizer asneiras
por aversão a passajar peúgas!

A mulher, eleitora, ou mesmo eleita,
desde que tenha uma alma de eleição
não terá de sentir-se contrafeita
nessa urna eleitoral . . . de garrafão?

Decerto! Inda que seja refractaria
á costura, não negue a lei sabida
de que a—Linha—é uma coisa necessaria
em todas as passagens desta vida!

TAÇO

questão prévia

Ha uns incidentes só possiveis entre nós, só possiveis na psicologia unica do nosso pôvo, tão pitoresca e tão «sui generis».

Ha dias uma pobre parturiente teve uma creança num automovel da Cooperativa de Chauffeurs. Em qualquer terra do mundo o condutor do veiculo leva-la-hia ao hospital e não mais pensaria no caso. Em Portugal o incidente tem outros aspectos O «chauffeur» não só se interessou pela historia mas, o que é mais, foi o acontecimento motivo de caridosa festa, baptisado, festim, apadrinhamento por conta dos directores do «taxi», e no meio do entusiasmo, o pai do neofito, declarando que a creança, em homenagem ao local onde nascera, se chamaria «Palhinhas»! Formidavel de abnegação, e de outra coisa . . .

Vá lá uma pessoa livrar-se de ser «Camion da Costa» ou «Tramway Pires», conforme o meio de locomoção onde vê a luz.

Já cá tinhamos a «*Ondina do Sal e Sueste*», espantoso nome dado a uma creança que, começando a viagem do Barreiro confortavelmente instalada em sua mãe, a acabou na 3.ª classe dos vapores. Admiravel povo este! E, meus amigos, digo-lhes que se o Palhinhas daqui a vinte anos se atira á Ondina—é caso para não termos vapores um dia e fechar o comercio em sinal de regosijo.

Mas, agora a serio:

Haverá o direito de afixar numa vida inocente um enorme cartaz de ridiculo?

Já ha pouco tempo, uma creança, filha dum pobre mulher de Aveiro, que ia ter com o marido a França, recebeu o nome pe Maria d'Orsay, pelo facto de ter quasi visto a luz do dia pela primeira vez, numa grande «gare» da «Ville Lumière.

A excentricidade das condições do seu nascimento será, para essas creanças um eterno estigma. O pequeno será *Palhinas* toda a vida, mesmo que esse use sempre chapeu mole... E a Maria será tudo queiram chamar-lhe menos *d'Orsay*, nome de impossivel pronuncia para os lebios de humildes aveirenses.

* * *

O nome, este distintivo preciso como o fato ou o pão, devia tambem ter a sua policia.

Que nos conste qualquer pessoa pode pôr a uma creança que de si dependa o nome que melhor entenda e assim é que, em certa terra de provincia, existe uma menina, por sinal galante que usa o nome, fantastico, alarmante e francamente indigesto de Aurora da Liberdade Polido. Seu irmão, falecido aos sete anos, usou, felizmente apenas na edade de alegre inconsciencia com que baixou á cova, um nome que na vida lhe pesaria como uma tonelada de chumbo: Chamava-se Clarão Redemptor Polido.

Posto isto deixamos os nossos queridos leitores a mais ampla liberdade de chamar, por sua vez, aos pais destas creanças todas aqueles nomes feios que a sua fantasia lhes sugerir. Por nossa parte os que lhe chamariamos não se podem escrever!

ECOS

Um esperançoso mancebo

Há dias, o «*Diario de Lisboa*» publicava uma entrevista com um aluno da Faculdade de Direito, sôbre o caso das troças aos caloiros. O futuro homem de leis contava que os alunos antigos não hostilizavam os novatos inteligentes e, a proposito, narrava o caso dum caloiro que se livrou da troça por ter dito uma serie de felizes graçolas a determinada mulher, que estava parada no jardim fronteiro á Faculdade.

Lê-se e pasma-se. Foi nisto que parou o ideal educativo da Republica? A graçola, o dichote ás mulheres, será a pedra de toque do espirito duma geração? Parece nos que sim, visto que, apezar de ser reitor da Universidade de Lisboa um professor digno de todo o respeito, não nos consta que tenha sofrido qualquer dissabor o esperançoso mancebo entrevistado pelo «*Diario de Lisboa*».

Mutilações Impunes

Nas mãos de estudantes, geralmente alunos das Escolas Comerciais e Industriais, anda uma selecta de leituras portuguesas, que tambem foi usada nas extintas Escolas Primarias Superiores, e onde aparecem alguns trechos de autores consagrados, «arranjadinhos», simplificados pelo autor da selecta. Aparecem-nos, por exemplo, paginas de Júlio Denis ao alcance de tôdas as interpretações, não há dúvida, mas assaz diferentes das que sairam das mãos do autor.

Parece nos um tanto sacrilega ou, pelo menos, irreverente semelhante sencerimonia. Pedagogicamente, tambem se nos afigura bem pouco feliz.

Matinées poéticas

Anunciam-se umas *matinées* poéticas no Teatro do Gimnasio, por iniciativa da companhia Amélia Rey Colaço. Fazemos os melhores votos pelo completo sucesso dêste empreendimento, que pode ter um belo alcance educativo. A Poesia tem, sobre a multidão, perturbada por tantas paixões, efeitos balsamicos, de suave terapeutica. Ao tocar numa alma, um bom verso logo afugenta um mau pensamento. A ilustre artista que está á frente da companhia do Gimnasio não deve desistir da sua tão louvavel intenção. Tudo quanto seja espiritualizar o caracter demasiado prosaico e materialão da época é prestar um grande serviço á Beleza e á Arte.

FEAIRS

— Então onde estiveste no verão, meu amor?
— Em Pompeia—que cidade maravilhosa! O que é pena é estar tão estragada, precisa muitas reparações e a camara municipal não faz caso . . .

HUMORISMO

crónica alegre

CONVERSA COM O VICTOR

QUEM nos apresentou pediu-me que respeitasse religiosamente o incognito do Victor. Eu compreendi bem os melindres diplomaticos que poderiam resultar de eu ser indiscréto e a quem me perguntava:

— «Quem é aquele sujeito baixinho, de cara rapada que tenho visto comsigo.

...eu respondi-a sempre:

— «E' um amigo meu, o Victor...

— «Pois, amigo Victor, lhe dizia eu nessa tarde, você descobriu o verdadeiro *filão*. Aquele Duce é um grande

numero. Arranjou as cousas de modo que ninguem já fala em você. Ele lá vae reconstituindo a Italia á sua moda, ele faz discursos, ele é assassinado trez vezes por semana, ao passo que o meu caro Victor não teve outro trabalho senão rapar aquela formidavel bigodeira, que o tornava tão ridiculo, e tomar o caminho da fronteira. Munido dum burguezissimo passaporte, tem visto toda a Europa, que desconhecia, deixou de ouvir o *Sole Mio* para ouvir a *Valencia* em todos os cantos. E ninguem repára! Ninguem pergunta: — «Mas durante todas estas solenidades onde estava o rei?» Em Espanha, Rivera não apagou Afonso XIII. Em Italia, não ha logar senão para Mussolini.

— «Ainda bem, me respondeu o Victor. O meu amigo sabe lá as agruras que eu passei quando foi da mobilização das fabricas pelos operarios e do esboço da revolução comunista. Não queira estar nunca metido num sarilho daqueles. Apareceu este senhor a dizer que ia meter isto tudo na ordem. Eu achei optimo. E êle com a sua punhalada para a direita, o seu oléo de ricino para a esquerda, lá tem conseguido o que eu sempre supuz impossivel. Hoje a Italia já não cabe na péle, nem já vem para o territorio alheio cantar o hino do Fascio e como, ao que parece, se trata dum hino de se tirar o chapeu, quer que os circunstantes, embora sejam ferroviarios francêzes, o escutem de cabeça descoberta. Ha momentos em que perco a minha calma. Tenho a impressão que os camisas pretas, comandados pelo *Duce* montado no cavalo branco de Napoleão, vão partir á conquista do resto do mundo.

— «Descance, meu caro Victor, não terá de regressar a correr ao seu Quirinal, ajustando um bigodão postiço. Pode continuar tranquilamente o seu giro. Ha uma força que deterá Mussolini no momento proprio...

— «E qual é?

— «O ridiculo.

UM MEIO SEGURO

— Ouve lá, como se conhecem os cogumelos venenosos?
— E' muito simples. Comem-se. Espera-se, e logo se vê e são ou não são bons.

A OPINIÃO

Certas pessoas inteligentes, no dia em que se colocam n'uma situação extravagante de que lhes é muito dificil sair sem incoerencias ou sem ridiculo, declaram então que a opinião dos outros lhes é indiferente.

Essa é uma forma de reconhecer que essa mesma opinião, a cuja conquista tendem todos os esforços dos que, embora com orgulho, submetem os seus trabalhos á curiosidade publica, deixou de os acompanhar, e que ficaram sós com o seu raciocinio e com a sua imaginação.

Desdenhar é uma forma de estimar, como o odio é um aspecto do amor. São quantidades equivalentes com sinaes contrarios. Todos os que trabalham carecem da opinião alheia. Ela é uma sanção ou um correctivo. Ir ao encontro dela é o processo facil dos habilidosos; ir contra ela é um combate, que só nos póde dar gloria se sairmos vencedores.

Na hora da derrota, desprezar o adversario e negar o encontro é uma puerilidade, que não engana ninguem. Os que, usando os processos de quem a consulta ou a desafia, nos veem dizer depois que nem sequer pretendiam suscitar-lhe o interesse, pois a consideram indigna ou incapaz de os entender, são como aqueles jogadores que, tendo deitado sobre o pano verde o ultimo ceitil do seu bolso, nos dizem, ainda palidos de febre, que não estiveram tentando a sorte senão para se entreterem.

Viver unicamente para a opinião publica é abdicar da mais suprema liberdade. Quem passar sem ela é uma pretenção desmedida que não ilude ninguem. Dizia Chamfort que ela é uma jurisdição a que nunca um homem de bem se deve submeter inteiramente, mas que não deve nunca declinar em absoluto.

UMA HISTORIA

Noé, na sua arca, arrumou a sua bicharia com o maior cuidado, nomeou os vigilantes dos dormitorios e recomendou o maior silencio depois do toque de recolher.

Sucedeu, porem, que logo na primeira noite, ao deitar-se, sentiu no pavimento superior um ruído intermitente de objectos caindo no soalho.

— Que é isto? perguntou êle ao

macaco, seu secretario particular. Vá lá cima ver quem se entretem a fazer barulho depois das minhas ordens.

O macaco voltou dali a pouco.

— Senhor Noé, a cousa ainda tem sua demora.

— Mas o que é?

— E' a centopeia que está a tirar as botas.

ANDRÉ BRUN

Aos nossos anunciantes

Prevenimos os nossos estimados anunciantes de que a cobrança dos respectivos anuncios é feita exclusivamente pelo nosso cobrador, contra recibos selados desta administração e acompanhados dos exemplares do jornal, após a publicação dos referidos anuncios.

RAZÃO

— O' Maria, o leite tem agua!
— Talvez, minha senhora, chovia tanto quando o fui buscar!...

IMPREVIDENCIA

— Baptista, que é do charuto que aqui deixei?
— Cheguei-o sem dar por isso a um fosforo... e queimou-se!...

ESPIRITO PRATICO

— Se tu me negas esse presente, Adolfo, morro de desgosto—e o enterro ainda te sae mais caro!
— Pois sim, mas é uma despeza que só faço uma vez!...

AS FRASES INFELIZES

— Senhor chefe, eu explico-lhe o roubo de tal forma que a pessoa mais estupida me compreenderá.

Curiosidades

O FILM ANTROPOMÉTRICO

O serviço da polícia de segurança, em Nova-York, utilisa já o *film* antropométrico. Quando um individuo é prêso não o submetem apenas ás provas vulgares de mensuração e identificação. Obrigam-no a passar, andando, correndo, falando, sorrindo, perante uma objectiva cinematográfica. No dia em que o individuo comete um novo delicto, projecta-se, numa sala especial, perante os agentes encarregados da sua captura, o trecho do *film* que representa o malfeitor nas suas atitudes familiares e reproduz, com exactidão, o seu andar, os seus *tics*, todos os seus aspectos. Diz-se que graças a êste sistema de identificação, alguns criminosos reincidentes, especialistas em evasões, teem vindo cair sempre, outra vez, nas mãos da policia.

UMA ESTATÍSTICA «ILUMINANTE»

Acaba de se fazer a estatística dos bicos de gaz e lampadários quebrados em Paris, no decurso de cada ano. No ano passado contam-se dois mil e quinhentos, mais duzentos que no ano anterior. Quem acuse uma quebra de bico de gaz á Companhia recebe quinze francos. Se um «maduro» não fizesse outra cousa senão procurar os bícos quebrados, teria ganho, no ano passado, 37.500 francos, ou seja, duas mil e quinhentas vezes quinze francos. Em moeda portuguesa, ao cambio do dia, eram vinte e dois contos e quinhentos.

O TABACO E AS MULHERES

O médico austriaco Franz Fromel, especialista em doenças da garganta actualmente em Atlantic City, fez numa conferência a seguinte afirmação:

«Em geral o tabaco não faz bem ás raparigas e contribui para lhes tirar certo caracter gracioso, que é o seu maior encanto, tornando-as rudes e severas. Alem disso, o tabaco enteza as cordas vocais femininas e produz um timbre ainda mais duro e mais vulgar do que o dos homens habituados a fumar muito. A voz das mulheres deve ser dôce e delicada; assim a fez a natureza, assim deve permanecer».

E' possivel que estas palavras do dr. Fromel não caissem muito no gôsto das americanas, que fumam imenso, quási tôdas.

A MADEIRA ENTERRADA

A madeira de pinheiro e de carvalho pode estar enterrada cinco anos sem sofrer grandes alterações, enquanto que a madeira duma grande quantidade de arvores apodrece antes de decorrido êsse tempo. A faia e o plátano não resistem mais de quatro anos. Observou-se que se a madeira for enterrada com casca ou pintada com óleo, alcatrão ou pez, não durará mais tempo do que se fôr enterrada sem nenhuma preparação. A madeira de carvalho, depois de muito sêca e alcatroada, é a que se conserva mais tempo.

As armas da cidade

O assunto está bastante explorado, mas não deixa de apresentar certa oportunidade, no momento em que Lisboa começa a ter seus aspectos de cidade moderna e verdadeiramente europêa.

Todos os dias, por êsse mundo fora, podem construir-se novas cidades sumptuosas e deslumbrantes, ou podem aformosear-se e enriquecer-se mais as que marcham á frente no caminho da civilização. Mas o que nenhuma pode conseguir é ter atraz de si uma tradição secular e gloriosa mais evocativa de grandezas que a cidade de Lisboa, cidade «de mármore e de granito», onde o primeiro rei de Portugal arvorou a primeira bandeira de cristãos. A cidade que possa, como Lisboa, unir á graça indefinida dum Passado cheio de glória a beleza moça e robusta dum Presente rico de iniciativas arrojadas, tem condições para ser a mais privilegiáda cidade do mundo. Oxalá seja possivel atingir êste ideal de equilíbrio e unir á Lisboa espiritualmente bela uma Lisboa materialmente perfeita. Seria dar um corpo são a uma alma linda. Vejamos, no entanto, emquanto essa hora não chega, qual a origem do brazão de armas de Lisboa.

Deve procurar-se essa origem numa lenda de caracter religioso, que é como que a síntese da história da invasão e domínio dos arabes nas Espanhas.

No tempo do poderio de Roma e da perseguição aos cristãos, sofreu o martírio na cidade de Valência o diácono S. Vicente. Corria o ano de 305 da era de Cristo e era imperador Diócleciano, em cujo nome o cruel Dociano governava a cidade de Valência. As qualidades, tormentos, piedade e milagres do martir Vicente fizeram com que, depois do suplício, o seu nome fosse venerado em toda a Península Ibérica. No martirológio das Espanhas, a sua memória era talvez a mais venerada. A sua sepultura fora dos muros da cidade transformou-se em lugar de romarias.

Sob a invasão dos bárbaros do norte, aluiu o império romano. Da peninsula assenhorearam-se os vesigodos, que rapidamente sairam da barbaria para florescer explendidamente, até á hora em que os arabes transpuzeram o Mediterrâneo, no principio do século VIII da nossa era. Depois da batalha de Guadalete, a bandeira cristã, que era já então dos reis godos, cedeu aos golpes dos alfanges mouriscos. A invasão das Espanhas pelos arabes foi cheia de peripécias sangrentas. De muitas cidades e praças fugiram os habitantes, que iam engrossar o núcleo de resistência que os godos estabeleceram nas serranias das Asturias. Como os sarracenos, na sua fúria de destruição, não poupavam imagens nem reliquias sagradas, alguns habitantes de Valência conseguiram, a ocultas, tirar do sepulcro o corpo do martir S. Vicente e conduzi-lo, atravez de mil dificuldades, até ao sítio onde a terra acabava e o mar começava. Levaram-no até um promontório agréste e solitário, que então se chamava Promontório dos Corvos, por aí haver muitas dessas aves e que depois se denominou Cabo de S. Vicente, por causa do santo que aí foi sepultado e cujas reliquias corporais eram zelosamente guardadas pelos cristãos fugitivos.

Capitaneados por Pelágio, descendente dos reis godos, os cristãos das serranias do norte conseguiram fundar o reino das Astúrias e, pouco a pouco, foram aparecendo os reinos de Oviedo, Leão e Castela. Em benefício de Henrique de Borgonha constitue-se o condado de Portugal, que Afonso Henriques transforma em reino.

Já coberto de glória, D. Afonso — diz a lenda de S. Vicente — foi a caminho do Algarve, á frente de grande exército, não com intentos de conquista, mas para vêr se conseguia, enfim, que os mouros lhe cedessem o corpo do martir. O rei mouro do Algarve, supondo que os cristãos vinham atacá-lo, recolheu-se a Silves, preparando-se para uma encarniçada defeza. E n vista disto, o soberano português encontrou o caminho livre e poude pesquizar, em procura do corpo sagrado, tôdas as quebradas do inóspito promontório. Mas nada encontrou, vendo-se forçado a voltar ao reino sem ter conseguido o que queria. No entanto, a expedição, apezar de malograda, dera azo a algumas esperanças, pois que Afonso Henriques trouxe cativos alguns cristãos monsarabes, habitantes do promontório, que, tendo-se recusado durante bastante tempo a esclarecer o mistério da sepultura do santo, deram depois alguns esclarecimentos, diligenciando persuadir os moradores de Lisboa a irem buscar as reliquias.

Guiadas por dois dêsses monsarabes algumas pessoas piedosas empreenderam a viagem.

No dia 25 de Setembro de 1173 entrava a foz do Tejo um navio desataviado e sem bandeira, mas conduzindo uma preciosa carga: o corpo de S. Vicente. Com receio de tumultos, os tripulantes esperaram que anoitecesse e, seguindo o braço do rio que corria pelo vale onde hoje fica a Baixa, foram lançar ferro junto da igreja de Santa Justa, então recentemente fundada por D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa. Auxiliados pelas sombras da noite, transportaram as reliquias para o templo. No dia seguinte, ao divulgar-se a boa nova, a alegria do povo foi delirante. Como a igreja era pequena para conter a multidão, levantou-se logo controvérsia sôbre qual devia ser o abrigo das reliquias. Uns queriam levá-lo para São Vicente de Fora, por ser um templo já consagrado ao martir; o cabido da Sé queria-as na sua igreja, que era a principal; o paroco de Santa Justa não deixava que lhas tirassem. D. Gonçalo Viegas, governador da cidade, conseguiu apaziguar os ânimos, pedindo que se esperasse pelo regresso do rei, então ausente. O cabido da Sé, porem, logo que viu os ânimos tranquilos, transladou para a Sé, em procissão, as venerandas reliquias.

D. Afonso Henriques, ao ter notícia do feliz sucesso, logo partiu para Lisboa, indo imediátamente á Sé, adorar os despojos sagrados. E, querendo perpetuar o seu jubilo e o feliz acontecimento, fez São Vicente padroeiro á cidade de Lisboa e deu a esta, como brazão de armas, um navio com dois corvos, um na pôpa, outro na prôa, em lembrança de dois destes animais que tinham acompanhado as reliquias no navio onde vieram. Como Lisboa foi a metrópole dum grande país marítimo, o brazão representando um barco sempre lhe ficou a caracter. No claustro da Sé conservaram-se sempre dois corvos, cujo sustento era pago por uma verba especial. Por ocasião do grande terramoto, os ossos de São Vicente foram consumidos no incêndio da Sé, restando apenas alguns fragmentos, recolhidos num cofre de prata.

AXOLOTL

Axolotl é uma palavra da lingua azteque, que serve para designar um animal extraordinario, que há mais de três séculos ocupa a atenção dos naturalistas. Num tratado de zoologia mecanica, de 1600, o *axolotl* foi classificado entre os peixes comestiveis que os indígenas pescavam, em abundância, nas aguas do lago do México. Mais tarde, foi considerado como uma salamandra. Cuvier foi o primeiro a adivinhar, sem conhecer a evolução da especie, que êsse pseudo peixe era a forma larvar dum animal aquático ainda não descrito. Finalmente, em 1864, o Museu de Paris recebeu do México uns *axolotls* vivos, entre os quais vinha uma femea, que pôs um certo número de ovos. No fim dum mês, os ovos deram origem a animais de formas diferentes: uns com a forma de peixes; outros com dois pares de patas muito desenvolvidas. E, é ainda inexplicável como os produtos dum mesmo animal teem formas diversas. O *axolotl* é exclusivo do vale do México, mas encontram-se em vários pontos da América do Norte (principalmente no Canadá) algumas especies aparentadas com o batráquio mexicano. Constituem um género conhecido, em zoologia, sob o nome de *amblistomio*.

NAPOLEÃO ESTUDANTE

Sabe-se que Napoleão e a ortografia andaram sempre de relações cortadas. Há mesmo quem afirme que a sua letra era propositadamente confusa, para ocultar erros demasiado fortes. As matemáticas e a história foram os seus estudos predilectos. Muito novo, obteve um prémio em matemática e as boas graças dum inspector escolar, o snr. de Kéralis, que o recomendou ao rei, dizendo que dêle se faria um bom marinheiro. — «O snr. de Bonaparte tem uma boa constituição, uma excelente saude; é honesto, grato, dum caracter doce e submisso(!). Mede 1m e 60 centimetros de altura. Forte em matemáticas, tem grandes conhecimentos de história e de geografia, mas manifesta inferioridade nos estudos artisticos: desenho, música, dansa, etc. Este rapaz tem em si um entusiasmo inato que é mister não sufocar...» O certificado da Escola de Brienne não era tão elogioso como o do snr. de Kéralis; trazia a seguinte observação sobre o caracter do futuro soberano: dominador, imperioso, obstinado.

OS TAXIS NA AMÉRICA

Nas cidades americanas é muito vulgar presenciar-se o seguinte espectáculo: um taxi pára, numa praça de automoveis; aproxima-se um sujeito, diz uma direcção ao *chauffeur* e entra no carro. Imediatamente, pela portinhola fronteira, entra outro sujeito. Os dois olham um para o outro; sentam-se ao lado um do outro e seguem silenciosos, cada qual a lêr o seu jornal.

Quando o carro pára, ambos examinam o contador do «taxi» e pagam cada um metade da importancia. Cumprimentam-se e afastam-se.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

ARTE MODERNA

Há muita gente culta com a impressão de que o film é um mero producto do engenho humano, habilidade, conhecimentos tecnicos, no qual a vida animica nada tem que vêr. E uma producção cinematografica resulta boa quando enscenador e operadores conhecem os segredos do «métier,» o argumento é bom e os artistas de que dispõem, teem as qualidades fisicas que os papeis requerem.

Assim, transformam o artista num mecanismo que se move ao sabor do realisador, artista a que se não exige sensibilidade nem inteligencia.

Nada mais erroneo.

Se para uma grande parte dos films que se exhibem nos cinemas (os americanos, principalmente) esta tecria é um tanto ou quanto posta em pratica, outros há em que a condição primordial é ser Artista.

As produções de vanguarda começam a pôr de parte os elementos decorativos; tudo que possa quebrar o fio do enrêdo; tudo que possa distrahir o espectador da concepção do auctor do «scenario»; tudo que seja artificio; todos os personagens que ficam á margem do conflito que se esboça, desenvolve e termina; para só cuidarem das figuras em que a acção se condensa.

E' a mesma teoria que vemos aplicada no Teatro moderno, sintético, simplificado, em que a acção é conduzida pelos personagens que originaram a peça.

Um film de pura arte não se escuda na beleza e nas «toilettes» das mulheres para atrahir o publico, nem intercala pedaços de paisagem explendente para animar a téla.

O film de arte moderno obedece a um risco do realisador e ás vibrações, dentro dessa linha, dos artistas que conduzem a acção. Mas ahi, cada artista não é um fantoche, um material méramente fotogénico. E' uma alma, uma sensibilidade de bom quilate, uma inteligencia equilibrada, que vão dar vida, não ás palavras que outrem escreveu, mas corporisar com verdade, com arte, o pensamento do auctor. E do «typo» a executar, só uma indicação tem o artista.

Para levantal-o é preciso crear, sentir, exteriorisar.

Veem estas linhas a proposito dum film que o Tivoli tem estado a exibir esta semana, film sintético, de moldes rigorosamente clássicos, que vale como obra de arte e como producto, não de mecanica, mas sim de emoção verdadeira.

"O ultimo dos homens», film de F. W. Murnau, produzido pela U. F. A. de Berlim, é uma das mais puras expressões de arte que o Cinematografo tem dado.

Nem elementos decorativos, nem futilidades, nem letreiros, nem acção diluida. Logo na primeira parte, ao descerrar do «écran», o realisador precisou a «marcha» do film com a progressiva fotografia de rapidos quadros, em sentido vertical, de baixo para cima. E o film irrompe aceleradamente, a dar-nos a impressão exacta da vertigem da Vida.

E nunca mais se demora a objectiva ante um «efeito» que não seja preciso, que não esteja integrado na ideia do auctor e na personalisação dos artistas.

O realisador focou aos centros e diluiu aos lados; como numa «agua forte». A luminosidade é viscosa, baça, indecisa. E' a luz a varar a custo a tréva. Como na nossa vida, como o tactear estonteado da alma humana, palpando o incognoscivel. Cada scena de «O ultimo dos homens» é um dedo apontado para um episodio do nosso viver de todos os dias. Na meia duzia de seres que se movem como sombras neste film, temos todas as classes, todos os que nos rodeiam, hombro a hombro. O protagonista da tragedia-farça é um porteiro de hotel, vaidoso da sua farda, da sua profissão, sem presentir a marcha do Tempo...

E' um simples porteiro, o «homem» da fita que só a alma de artista e a poderosa inteligencia de um Jannings seria capaz de criar.

Hans, — fica-o sabendo, ainda que não queiras — serei eu; és tu, leitor...

CARLOS ABREU

"IR VÊR FULANO"

(Carta a um actor-emprezario)

Carissimo

Um dos mais velhos, relhos e idiotas conceitos que fizeram vida e crearam escola no teatro era aquele que fazia dizer a qualquer actor que dispuzesse de algum publico:

— «Eles veem-me ver a mim...»

Nada mais erroneo e contraditorio com a propria missão dum comediante digno desse nome, meu amigo.

Com efeito, *ir ver Fulano* é, por muito que isso pareça paradoxal, a condenação formal do actor Fulano, como artista dramatico.

O ideal será justamente que Fulano nunca seja «Fulano» em scena.

Deste conceito pessoal, centralisador, e inferior como arte, fizeram-se algumas reputações. Isso não impede que o condenemos,

A noção de «espectaculo» que é contraria a essa noção individualista é bem mais antiga do que a ideia da gloria pessoal dum artista. Já Molière o disse. O essencial é que me sintam —escreveu o grande Guitry,—mesmo quando não estou em scena. Ambos encararam já como primordial o «todo» e para muito boa gente eles foram realmente «tudo».

* * *

Vi ha dias no Palais Royal uma comedia bastante alegre: «Au premier de ces menieurs». De certo esse excelente comico que é o S. Victor Boucher que faz ali um papel principal, é um actor de estilo muito seu, e algum direito lhe assistiria de clamar que o publico acorria ao seu cartaz para o ver.

Pois o mesmo Sr. Boucher declarou num rancho de amigos que a sua unica tortura era precisamente o «seu estilo» isto é os seus «trucs», as suas repetições, as suas «nuances» predilectas e que a sua anciedade era: não lembrar nunca num novo personagem alguma anterior creação»; quer dizer a ausencia da preocupação pessoal.

Bela consciencia artistica a deste actor jovem e celebre já!

Maior valor parecerá o seu ainda, se o cotejar-mos com o que anda dentro da cabeça de muitos actores e actrizes portuguezes, os quais consideram que as peças são boas ou más para as suas companhias, conforme lhes dão ensanchas ou não de ocuparem eles só durante muito tempo os ouvidos do publico, ou supõem que o talento dramatico se faz nascer directamente das dimensões das letras de cartaz.

Nem materialmente, nem artisticamente, nem moralmente se pode tolerar hoje já o actor-monopolio o actor-dono, covencido dum prestigio pessoal que já ninguem admite, impondo a sua pessoa em vez de fazer a sua arte e procurando as conhecidas, ambicionadas ecatadas em todos os reportorios. e chamadas: «*peças para si*».

Peças para si não! Peças para a sua companhia! Como dantes, o seu

ARTISTAS NOVOS

A gentilissima artista do Eden. Judite Navarro que no «Cabaz de Morango» tem ensejo de mostrar o seu valor e gatanteria de inexcedivel graça

CARLOS LEAL

O queridissimo actor popular faz a sua festa no dia 15. Carlos Leal não percisa de adjectivos pois é hoje um idolo das plateias. A sua festa é dedicada ao Brazil, tem a assistencia do Senhor Embaixador e pelo cantor Silvio Vieira, o belo baritono do S. Luiz, Geraldo, a atriz Arlete Soares e a cantora Mary Soler. Noite cheia. Noite de festa.

Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha —o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelina Abranches a comediante cujo nome dispensa elogios e Berta de Bivar, a artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araujo Pereira mestre ensaiador. O mais forte reportorio moderno.

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scéne» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brazileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espetaculos de Portugal.

Politeama

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia explendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Reportorio escolhido e preferido pelo publico. Empreza do arrojado e antigo emprezario Luiz Pereira.

Trindade

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com as companhia mais completa que possuimos. A grande de Lucilia, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais dificil reportorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

Avenida

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico Alem de Amarante — o maior creador actual, de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense do seu estilo.

Hoje e por enquanto todas as noites «O pão de ló».

Gimnasio

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e todo um conjuncto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bôa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Morangos» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Pereira e L. Oliveira.

Coliseu

A grande atração de novos e velhos. Uma formidavel companhia, egual ás melhoras do mundo, com todos os «azes» modernos das «artes de circo».

A maior sala de espetaculos da Europa. Conforto, emoção, espectaculo atraente, artistico e instrutivo. O grande divertimento das creanças grandes e pequenas

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Da minha vida uma novela?... ... Se eu só tenho escrito novelas da minha vida... Autenticas, sem disfarces, sem *maquillage*... Novelas de amor—ou o amor não fosse uma novela...—passadas aqui, nesta melancolica Lisboa; lá fora, por esse estrangeiro fora... cá dentro, por este Portugal, que eu conheço por fóra e por dentro...

Uma novela da minha vida?...

O que são os meus livros e quasi todos esses artigos que eu tenho por 'hi perdidos, semeados a esmo em não sei quantos jornaes e que os jornaes teem colocado de baixo dos olhos de não sei quantos leitores?... Novelas —só novelas... Vou escrever mais uma—entre tantas...—a unica, que, talvez, não seja uma novela...

* * *

O *Routonde* era um *cabaret* que existia em Bordeus, á esquina do Cour d'Intendence.

Quem lá fôr inda o ha-de encontrar—tal qual o conheci em Abril de 1918.

Frequentava-o a soldadesca americana que tinha sua *base* na encantadora cidade girondina; frequentava-o o português, marinheiro de todos aqueles navios que de Lisboa para lá partiam carregadinhos de vinho e de caixas de sardinhas—tão carregados que até pareciam os armazens de Setubal e as adegas do Cartaxo...; frequentava-o a mocidade *bordelaise*—rapazes e raparigas, amigos de desperdiçar a vida, gastar o coração e esbanjar francos a rôdo...

Toda a gente o frequentava—o mutilado da guerra, vindo do *front*, com um braço a menos—e o *poilu* que não tardava a marchar para a primeira linha...—talvez uma vida a mais...

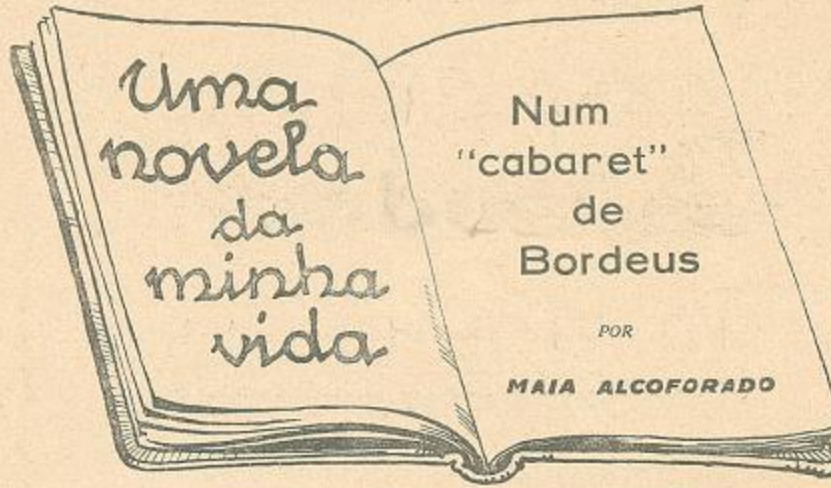
Disseram-me um dia que no *Routonde*, uma rapariga cantava todas as noites canções portuguesas —o fadinho —o eterno fadinho!—*couplets* de revistas alfacinhas:—o *Ganga* e *o gelo e a lareira*—e que, por fim, a rematar, até cantava a *Portuguesa*.

—Era uma francesa, informaram-me, que tinha um *béguin* por tudo quanto fosse português... desde as canções —aos corações...

Esperei a noite com impaciencia e quando o *Routonde* regorgitava de *habitués*, entrei e fui sentar-me a meio da vasta sala.

Na minha frente uma bebida ardente —que eu pedi, para me pôr a cabeça em fogo; ao meu lado uma mulher de quasi vinte e cinco anos que eu chamei para que me tornasse em braza o sangue, que eu sentia deslisar nas veias, vagaroso... morno...

Pelas outras mezas, franceses e americanos, portugueses e italos, numa algaraviada que ensurdecia, de mistura com mulheres *vendeuses* de flores e de mulheres *vendeuses de amour*...

E quando eu principiava a interessar-me pela francesinha que, ao meu lado, fumava comigo cigarros ao desafio, e que me desafiava a beber bebidas ardentes, daquelas que nos transformam o cerebro em Vezuvios, a cortina adamascada, que, ao fundo, tapava a boca dum minusculo palco—afastou-se, correu...

Principiava o espectaculo.

A *chanteuse* era uma destas figurinhas que se encontram a cada passo, por terras do sul da França—*fausse meigre* que apetecia morder com os labios em beijos, de olhos muito escuros e quasi nostalgicos, de cabelos quasi negros, engraçadamente caidos obre os ombros...

E como ela vinha linda!...

Vestida *á moda do Minho*, de chinela a brincar na ponta dos pés, de meia branca a realçar a beleza da perna admiravel—bem lançada e robusta...

Lembrei-me das lavradeiras minhotas, ao vêr aquela mulher do Gironde surgir nos bastidores, a cantar assim:

—«*Meus amigos esta vida*
P'rra *quem lida*
A moirrejar cá na rróça,
E' uma grrande *subida*
Que se leva de vencida
Como quem puxa á carrroça?...»

...Que os portugueses ouviram com os olhos humidos das lagrimas, com o coração apertado pelo nó da saudade, com a garganta sufocada de comoção—como se em vez dum fado de revista —o *Ganga!*—estivessem escutando uma préce...

Quando ela terminou, todos se levantaram gritando, a aplaudi-la. Todos a palmearam e correram ao seu camarim a abraça-la, a darem-lhe flores.. beijos... lagrimas...

Portugal viveu por instantes na boca daquela mulher—a saudade da terra portuguesa, no coração dos portugueses viveu, naquele momento, uma das suas mais historicas horas...

Quando o espectaculo findou—e findou com a *Portuguesa*, que cerca de trinta portugueses acompanharam em côro—improvisou-se á porta do *Routonde* uma manifestação de carinho á interprete das nossas canções, que ela agradeceu, beijando-nos um a um, a sorrir e a chorar, dizendo entre um sorriso e um soluço:

—*Obrrigado!... Obrrigado!...*

* * *

No outro dia, pelo caes Quinconces, onde o meu navio estava atracado, via-a passear. Desci o tombadilho, saltei a prancha e fui falar-lhe—cumprimenta-la.

—Adeus meu amigo, disse-me ela, num sorriso que tinha a côr vermelha, o tom rubro duma rosa enorme—uma das rosas que eu lhe tinha oferecido na noite da vespera—e que, sobre a seda preta da *toilette*, ainda conservava um viço que parecia eterno...

—Adeus minha amiga... o que a traz pelo caes?

—Vêr o seu navio, um pedaço da terra portuguesa... vê-lo, a si... que é o mesmo que vêr todos os portugueses... e... pedir-lhe uma bandeira pequena de Portugal—a quem quero tanto como á minha França—para que sempre que tenha de cantar canções portuguesas, ela me acompanhe...

Ofereci-lhe a bandeira e agradeci-lhe em nome de todos os portugueses o amor que ela dedicava ao sagrado torrão onde nasci.

—Não sabe, meu amigo, porque quero tanto á sua Patria!... Não adivinha porque me apaixonaram as canções da sua terra?... Ah!... eu confessava-o ontem se me tivessem dado tempo para o fazer... mas digo-o agora aqui, a si, di-lo-hei em toda a parte e a todo o mundo... Foi português o meu primeiro amor—era português o homem que me ensinou a sofrer...—um marinheiro valente, corajoso, atrevido, que eu conheci em Marselha e que ainda por lá se encontra, que me deu um filho que Deus matou e um amor que nunca mais se me arranca do coração...

E nos seus olhos muito escuros, quasi nostalgicos, bailavam lagrimas que lhe rolavam de mansinho pelas faces e iam cair sobre as cores da bandeira portuguesa, que ela apertava nervosa, entre as mãos...

* * *

Dois mezes depois deste episodio tive conhecimento do marinheiro português que ela amava e por quem sofria—e que a guerra, quasi no epilogo, havia de fazer sua vitima, afundando-o com o navio, no Mediterraneo, proximo de Bizertte.

* * *

Já lá vão oito anos.

Da francesa do *Routonde*, cantora das nossas canções, amiga de Portugal e dos portugueses, nunca mais tive noticias. Não sei por onde pára—não sei se ainda vive...

A bandeira que lhe ofereci e que ela me implorou é provavel que aos seus olhos tenha servido para enxugar as lagrimas, para estancar o pranto...—de desespero e de saudade!...

Outubro, 1926.

MAIA ALCOFORADO

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Modos e Modas

Pagina de espirito e de observação, em que se descreve um episodio da grande comedia da vida e onde, apesar do leve exagero dos traços, transparece a flagrante realidade

ESTA novela poderia tambem intitular-se «*Os percalços da moda*» ou «os percalços das calças» ou ainda «as tragedias a que dão logar as calças da moda, e os modos dos que usam calças». E', numa palavra, uma novela duma grande exuberancia em titulos e por todos os titulos emocionante.

Foi num daqueles comboios de Cintra, em que de noite temos de andar quasi ás apalpadelas, que o drama se desenrolou.

Depois de inuteis esforços para ler os jornais da tarde, á luz duns pavios de azeite, atacados de delirium tremens, que a Companhia põe á disposição dos passageiros, eu não tive outro remedio senão integrar-me nas trevas do ambiente e convicto, apesar de tudo, de que pertenço a uma raça de descobridores, procurei desvendar o que se passava em redor, na carruagem.

E depois de grandes esforços visuais, consegui descobrir que umas abundantes toilettes vagamente entrevistas e umas vozes finas delicadas e duma maviosidade intraduzivel, chegadas aos meus ouvidos, provinham e pertenciam a dois rapazes, que eu vira com a familia pouco antes no Casino, e que muito juntinhos conversavam.

Eram dois exemplares perfeitos destes rapazes modernos de calças á *mah-jong* e casacos de machinho, timidos e acanhados, debeis e frageis vergonteas da moderna geração.

Destes efebos portadores duns infimos casacos — tão acanhados como eles proprios. Na verdade, pelos seus modos e maneiras, estavam a pedir que a moda lhes cortasse na casaca. E', por isso, que eles se vingam agóra na vastidão das calças que marcam afinal uma transição perfeitamente definida para a saia de cauda.

Tambem não admira. Estes meninos são em geral tão púdicos, que ao verem o progressivo desaparecimento dos vestidos femininos, ao verem as reduções cada vez mais acentuadas nas toilettes das *manas e mamãs*, resolveram açambarcar e concentrar em si todo o pudôr da parte feminina da familia. E' natural!

E perante essa onda ruborisada de vergonha que os invade, emquanto elas se despem, eles vestem-se o mais possivel; vestem-se copiosamente, envolvendo as suas formas castas em ondas de fazenda, em kilometros de pano.

E' tambem a unica compensação dos comerciantes do genero.

Mas talvez, por isso, por influencia da abundancia enorme de tecido das calças semi-saias, as suas atitudes, os seus gestos, os seus modos e maneiras, perdem todo o ar decidido, audacioso e masculo que deve caracterisar o sexo a que pertencem.

Estes que o acaso me deu por companheiros de viagem estavam em perfeito contraste com as proprias manas, que eu, pouco antes, observára no Casino.

A uma delas, — menina dos seus 13 anos prometedores, já coquete, já com rouge e com olheiras a baton,— ouvi frases que a definem.

Aproximando-se dos rapazes e indicando, desolada, um casal de identicos *meúdos*, que vinha acompanhando— casal em que era ele o enleado e ela a audaciosa,—dizia com tristeza:

— «Afinal a mim ninguem se atira; venho só aqui a servir de páu de cabeleira»...

E perante o rubor deles precisou:

— «Sim, porque eles teem estado toda a noite a *fazer-se* um com o outro».

Mal refeito do espanto, reparei contudo que a sua afirmação não correspondia completamente á realidade, porque no aludido casal, e usando a frase da queixosa, de facto apenas ela se *fazia*.

E agora, perante a invasão de tais recordações, observando a forma terna, a maneira de falar e os gestos acariciantes dos meus companheiros de viagem, eu quasi ia supor que, de facto, tambem eles —*na frase da pequena*—se *faziam*.

Notei então que no banco seguinte, um sujeito calvo, com ar de conquistador aposentado, procurando aguçar nas trevas a sua terrivel miopia, de ouvido atento á conversa dos vizinhos, se baixava de vez em quando em misteriosas e constantes investigações por debaixo do banco que o continha.

Extranhei o interesse, mas supuz que a perda de qualquer objecto caído dos seus bolsos fosse a causa unica de tão preocupadas atenções.

Nisto, depois de uma observação mais prolongada, notei no sujeito um ar de certeza e de triunfo e, ao mesmo tempo, vi, que em gesto rapido, puxando da carteira, rabiscava qualquer coisa numa decisão rapida e febril.

Pensei:—talvez um inspirado vate que viera até aqui preocupado com a perda lamentavel duma rima.

Mas não; o sujeito releu o que escrevera e novamente a sua cálva luziu investigante nos baixos do wagon. Disse comigo: mais uma rima perdida. E dispunha-me a auxilia-lo com um fosforo da Companhia e com o proprio que possúo, quando comecei a ver com espanto que a sua mão, avançando pelo intervalo dos *assentos*, procurava entregar discretamente o manuscrito a qualquer dos rapazes que primeiro me tinham prendido as atenções.

Percebi tudo então.

O calvo D. Juan, ancioso por certo de aventuras, ouvindo por entre o fragor da desconjuntada carruagem umas vozes femininas, descortinando vagamente nas trevas—com as persistentes investigações da sua miopia aos planos inferiores,—tecidos abundantes, em tudo semelhando saias, e adquirindo por fim a convicção e a certeza de que o banco vizinho era otimo campo para as suas aventuras, de femeeiro incorrigivel, atirava-se, com o atrevimento proprio doutras eras.

Eu preparei-me, é claro, a intervir, conciliador, na iminente, na fatalissima scena de pugilato que se iria por certo seguir a tal equivoco.

Porem, um dos rapazes, sem perceber, pegou ainda no cartão e leu, ao mesmo tempo que um rubor lhe tingia as niveas faces.

Ainda cheguei a classificar tal colorido de natural rubor de colera, de justa indignação, e dispuz-me a interceder.

Entretanto os rapazes cochichavam, segredavam, olhavam o sujeito calvo e olhavam em redor numa ligeira indecisão.

Disse comigo: preparam a desforra.

Nisto *ergueram-se* a um tempo.

— E' agora, disse eu.

Eles então, saindo dos seus logares, com gestos coleantes, indecisos, entraram na coxia, ladearam o banco do vizinho atiradiço e passando rapidos, foram pudicamente sentar-se no ultimo banco da carruagem, junto á porta.

Eu estive quasi para pedir a demissão do sexo a que pertenço.

Entretanto o sujeito calvo, que ao vê-los de pé julgara ter-se enganado cometendo uma gaffe de más consequencias, ao vê-los afastar-se, tinha de novo pintadas no rosto, bem estampadas, a duvida e a incerteza, cada vez mais radicadas, pela inesperada atitude dos mancebos.

Eu nem me atrevi a atravessar o tunel e fiquei logo em Campolide.

Decerto na escuridão, o velho conquistador, de novo integrado na convicção inicial, esboçaria outra ofensiva, a que os atacados corresponderiam, fatalmente, gritando por socorro.

E eu, francamente, não quiz ter o dissabôr de ir acudir.

AUGUSTO CUNHA

LER NO PROXIMO NUMERO

Quarenta anos

NOVELA POR

O HOMEM QUE PASSA

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 4 — 3.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

14 NOVEMBRO 1926

Apuramento do n.º 11 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JAMENGAL
N.º 2 — 2 votos

N.º 7, de BAGULHO . . . . 1 voto

NOTA—O nosso distinto colaborador *Lord Dá Nozes* escreve-nos para nos fazer notar que a charada n.º 3 que saiu com o seu pseudónimo, não é sua mas de outro colaborador do «Moinho» seu amigo. Só por um lamentavel equivoco, a enviou. Fica, portanto, anulada assim como os votos a seu favor.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

DROPE (da T. E.), MAMEGO
Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

CASTROLIVA, VIRIATO SIMÕES (13), AULEDO, (11), DOIS PRINCIPIANTES (10)

DECIFRAÇÕES

1—pesepelo, 2—*NANA*, 3—(anulada), 4—espremendo, 5—viçoso, 6—fotografia, 7—*visão*, 8—insito, 9—orador, 10—noel, 11—papa-ratos, 12—azoina, 13—metafisica, 14—maquiavelico, 15—nojoso, 16—orama, 17—tentorio, 18—tachada.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 10 e 12, de D. GALENO e MAMEGO, com 3 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

D. GALENO, DROPE e VISCONDE DA RELVA, decifraram o que lhes era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

1
Se tu soubesses, Maria,—1
Como tenho o coração...
Não pode haver *maior* mal—1
Do que esta fatal *paixão*!

Lisboa — JAMENGAL

2
Sua *fugida apressada*—2
Do «*Porto*» para o Gerez,—3
Traz a Policia alarmada
Por sêr com tal *rapidez*.

Porto — OTRAPOVLIS

(*Dedicada a F. O. P.*)

3
'Stavas a rir tanto, louca,
E, em tregeitos indecentes,
A quem passava na rua
Mostrando teus alvos dentes!...

Prometeste-me, juraste
Que a mim só adorarias,
E, beijando-me, perjura,
Já, para outro, te rias.

Perdes quem a ti *se* chega,—1
Com teu olhar fulgurante.
E's «*uma*» mulher devassa,—1
Sensual, estonteante!...

E por sêr tam censuravel
Tua vida desregrada,
Tua falta de *juizo*,
Não serás de mim amada.

Niza — FIGUEIRA SILVESTRE

CHARADAS EM FRASE

4 *Por* causa do barulho *delas*, não fixei o nome da «*constelação boreal*».—1—1
Cascais — ANELE

(*A' distinta confreira* Menina Xó)

5 *Meiguices, somente* as póde ter um homem *favorecido*.—2—1
Lisboa — AVIARDO

6 Ouves este *poema lirico*? *Olha* que tem o nome duma «*terra portugueza*»—2—2
Lisboa — CALTAR

7 Esta *familia* faz *pena* desde que morreu o *administrador da fazenda*.—2—1
Lisboa — CASTROLIVA

8 Entre «*Deus*» e o *diabo* ha, sempre, *grande confusão*.—1—4
Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

9 Se me *faz zangar* não sei *onde* e quando me tornará a ver... e olhe que já estou bem *atordoado*!—3—1
Lisboa — DROPÉ

(*Lançando tres estocadas nos campeões:* Visconde da Relva, Dropé *e* Rei do Orco)

10 Naquele *lugar*, a «*a ave de rapina*» torna-se uma *coisa obscura*.—2—2
Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

11 Sabendo-se que êle trazia uma faca *á cinta*, não compreendo como *é* que o amigo *admite* a hipotese de uma *agressão cobarde*.—2—1
Coimbra — FRANGERQUE

12 Afinal o *moinho de mão*, vendio-o sem *grande embaraço*, a um *ferro-velho*.—2—1
Caldas da Rainha — MOVELHO

13 No «*rio*», pesquei um «*peixe*» de cima da *pinguela*.—2—2
Porto — REI DO ORCO

14 O *governador duma provincia mossulmana* caçou este «*animal*» na *margem*.—1—1
Porto — RENANDOF

15 Com a «*moeda romana*» comprei no «*Amazonas*» a ua preferida «*especie de uvas*».—2—2
Lisboa — SANCHO PANÇA

16 *Posto que* me falte uma *porção* de capitulos, desejo saber o *epilogo*.—2—2
Lisboa — SATURNO

17 «Amai o proximo», disse Deus; *excepto* os canalhas—acrescento eu.—Não lhes *desejo* mal mas tenho por eles profundo *desdem*.—2—2
Lisboa — SPARTANUS

18 Sofri duro *castigo* na «*metade do navio*», por ter destruido um «*genero de plantas*».—3—1
Lisboa — VIRIATO SIMÕES

(*A todos e quaisquer adeptos do* Vitoria, *que não sejam leigos no assunto, oferece um dedicado* Casapiano)

19 O senhor não *aprova* que foi uma *lastima* o trabalho do *arbitro*?—2—1
Lisboa — VISCONDE DA RELVA

20 ***ENIGMA FIGURADO***

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas *sem distinção* todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior saírá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, CASTROLIVA, DOIS TORREJANOS, NONÓ, TEN. J. C. O.

DECIFRAÇÕES DO N.º 94

HORIZONTAIS.—1 desvelo, 2 cortina, 3 ita, 4 re, 5 já, 6 ser, 7 ser, 8 rutilar, 9 cgr, 10 crepe, 11 raz, 12 arara, 13 oe, 14 especioso, 15 ai, 16 loas, 17 avoar, 18 tala, 19 isolo, 20 ungir, 21 rezo, 22 anna, 23 agoma, 24 adres, 25 atou, 26 arduo, 27 iaia, 28 lo, 29, descerrar, 30 nn, 31 ambar, 32 ada, 33 bagua, 34 pão, 35 irrorar, 36 utr, 37 ode, 38 co, 39 le, 40 ti, 41 soslaio, 42 mistela.

VERTICAIS.—1 discolo, 43 etereo, 44 sare, 45 erres, 46 leu, 47 oja, 48 raras, 49 isca, 50 negral, 51 arraiar, 52 trevo, 53 iaco, 54 lziau, 55 pesseguda, 56 rotineira, 57 palomas, 58 ornador, 59 airão, 60 arasa, 61 ozo, 62 gnr, 63 galapos, 64 arcar, 24 ourar, 65 panaria, 66 tomado, 67 dedo, 68 inutil, 69 erica, 70 abres, 71 bões, 72 gute, 73 roi, 74 ali.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos eximios colaboradores «Dois Torrejanos», de Torres Novas.

HORIZONTAIS.—1 Greda branca—Enseada—Jôgo de cartas, 2 Rio de França — Letra — Pedagogo — Letra — Verbo, 3 Letra — Designação infantil da agua—Letra—Animais—Letra, 4 Circo—Planta, 5 Letra—Bolos—Letra, 6 Animal—Contracção da prep. com artigo—Letra—Filha de Inacho—Grande massa, 7 Rio—Com—Ruim—Raso, 8 Multidão—Duas consoantes—Letra—O sol entre os egipcios—Acanhamento, 9 Letra—Baluca—Letra, 10 Fila—Estrondo, 11 Letra—Liliputiana—Letra—Conheço—Letra, 12 A consciencia—Letra—Deus—Lerta—Animal, 13 Sulfato de alumina—Linhagem—Sem valor.

VERTICAIS.—1 No marmore e no gesso—Proteger—Ensejo, 2 Animal—Letra—Pa savas—Letra—Simples, 3 Letra—Agasalho de penas—Letra—Especie de verdelhão—Letra, 4 Tunda—Chã, 5 Letra—Bordoada—Letra, 6 Contracção da prep. com artigo—Aliás—Letra—Nota—Entre nós, 7 Homem—Nota—Instrumento—Lua, 8 Letra grega—Basta!—Letra—Abreviatura que se usava em facturas—Nota, 9 Letra—Classe de animais—Letra, 10 Lembrete—Agudezas, 11 Letra—Interjeição—Letra—Ajuntei—Letra, 12 Graceja—Letra—Suavidade—Letra—Nota, 13 Pede—Misturar nas proporções convenientes—Rio.

Varia

Solução do problema n.º 95

	Brancas	Pretas
1	9-14	18-9
2	7-3	16-7-14
3	24-27	23-16
4	3-12	14-32
5	12-19-30-21-14-5	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 96

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 1 D e 7 p.

As brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 94 os srs.: Alipio Amaral, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), Sueiro da Silveira, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Artur Santos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 96

Por R. H. Bridgwater (1.º premio)

Pretas (9)

Brancas (11)

As brancas jogam e dão mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 95

1 D. 8 T, C × D; 2 B. 7 C
B × D; 2 T × P ÷
R × T, 2 B 1 C ÷
B × T, 2 B 6 R ÷
? , 2 D 8 R etc.

A sequencia essencialmente artistica dos lances nas diferentes variantes e o ramalhete terminal de mates modelos, de elevadissimo estilo, tornam esta composição uma verdadeira obra prima. O seu autor foi um dos mais importantes pilares da Escola boemia.

Resolveram o problema n.º 94 os srs. Nunes Cardoso, prof. Sueiro da Silveira, Grupo do Club Portuense (Porto); Grupo Damião de Odemira, Grupo de Alpiarça, Masoni da Costa e Maximo Jordão.

Mercado de creanças

Os camponeses húngaros vendem por vezes os filhos no mercado. Num dêstes ultimos sabados — conta o *Daily Express* — uma camponeza vendeu os seus filhos, no mercado de Debreesin. Um rapazinho de três anos foi vendido por 30 francos — ouro, e uma rapariguinha de catorze anos por 75 francos — ouro. Um *bébé* de nove meses não obteve comprador. Este costume parece ter origem na grande miséria que vai assolando os campos da Hungria. Os compradores, que procuram «mão-de-obra» barata, desejam arranjar, principalmente, crianças de treze e catorze anos. Uma vez as crianças vendidas, os pais não ouvem mais falar delas.

BREVEMENTE

"A dois passos do Paraiso,,

NOVELA

por AUGUSTO CUNHA

NATAL DE 1926

NUMERO ESPECIAL — 32 PAGINAS

Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournées» triunfais a atestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorisados. Films de primeira escolha. As grandes producções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torna-la a preferida do publico.

Tivoli

O cinema elegante e aristocratico de Lisboa. O conforto e o bem estar dessa casa de espectaculos europeia. As maiores producções mundiais. O espectaculo mais internacional e mais moderno e civilisado de Lisboa. O grande ponto de reunião da sociedade «smarte». A melhor frequencia.

Central

O mais antigo cinema de Lisboa. O animatografo predilecto do velho publico «aficionado». As producções mais caras. Os grandes films internacionais. Salão confortavel e higienico. Frequencia escolhida. Preços baratissimos. Sucessos constantes.

Condes

Um dos maiores, mais luxuosos, e mais completos cinemas da Peninsula. As primeiras fitas dos grandes productores. O cinema preferido pela sociedade. Otima musica. Preços baratissimos em relação ao valor dos programas. Sempre estreias de merito com os grandes azes do «eczran» e as mais lindas estrelas.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pae dos cinemas lisboetas. Optimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes producções de aventuras. Preços em concorrencia. Amplissima e elegante sala.

Pathè Cinema

Um grande cinema popular — talvez o maior de Lisboa e o mais importante deste genero. Fitas de maior sucesso e renome. Charlot, Douglas, Tairbanks, todos os «azes» e estrelas mundiais passam no salão da Rua Francisco Sanches. Preços ao alcance de todos.

Apolo

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramatico do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de peças e um espectaculo alegre e artistico.

Actualidades gráficas

O NOVO SAURIO DE AMSTERDAM

Este «pacifico» animal, jovem de apenas tres metros de comprimento, vae servir no Zoologico de Amsterdam para estudos comparados sobre os saurios préistoricos.

D. NUNO ALVARES PEREIRA

A magnifica urna destinada a conter os ossos do Santo Condestavel

ARTES PLASTICAS

UMA BRILHANTE EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS

O notavel artista, arquitecto Paulino Montez, que exibe na Sociedade Nacional de Belas Artes, á Rua Barata Salgueiro, uma admiravel exposição de aguarelas que hoje se encerra. Os cartões do moço e brilhantissimo artista têm sido admirados pelo que Lisboa conta de melhor.

RECRUTAMENTO DE CORISTAS

Para uma revista, seleccionam-se as coristas apenas pelas suas pernas. Um americano, para evitar influencias das fisionomias das candidatas, faz-lhes mostrar só as pernas, por debaixo de bonecas mais ou menos fantasiosas e feias.

UM INSTANTANEO RARO

Curiosissima fotografia de caça, onde três animais são apanhados flagrantemente em atitudes elegantes. Poucas vezes uma objectiva consegue fixar um aspecto com esta felicidade.

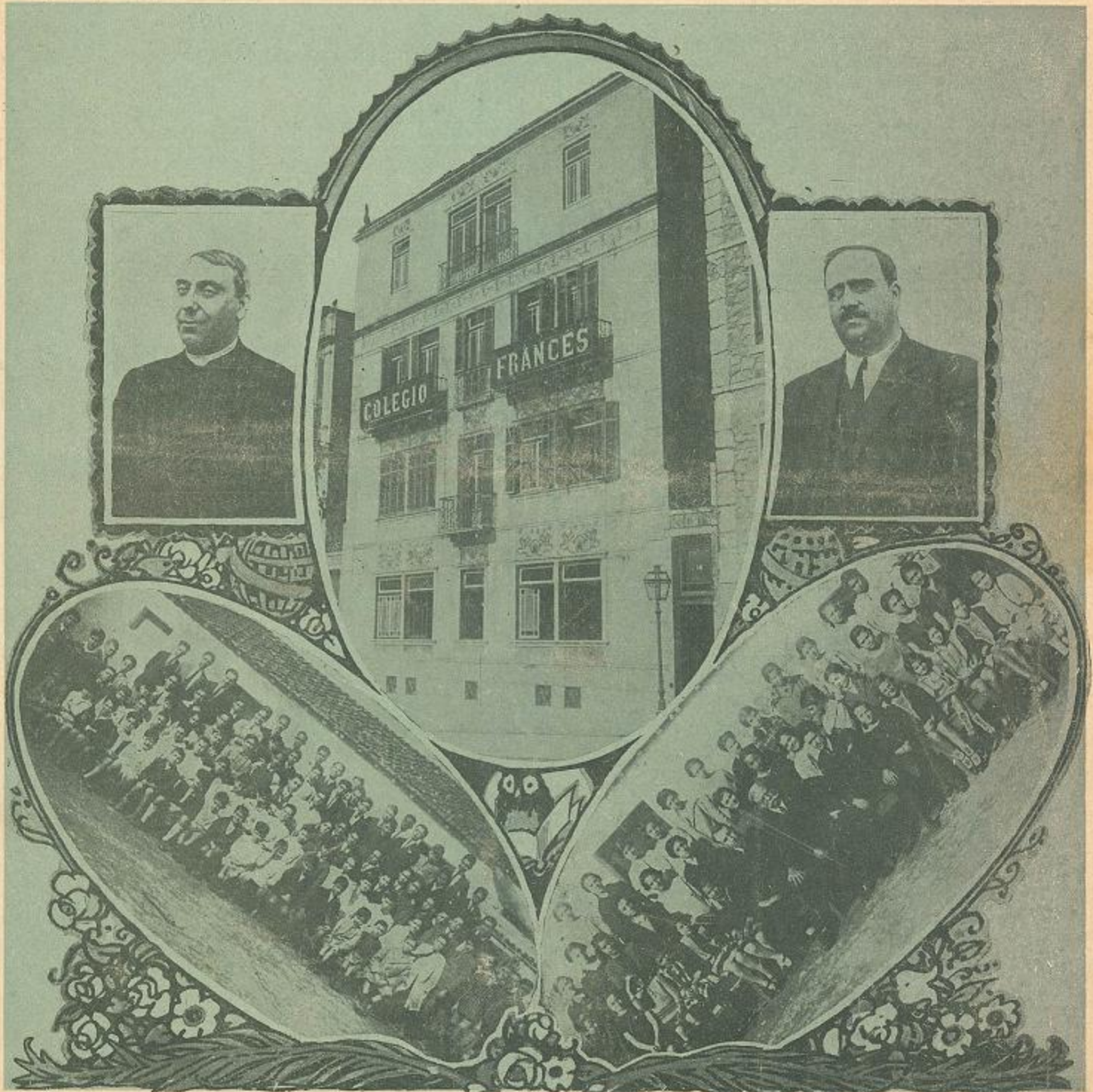
PUBLICIDADE

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

O COLEGIO FRANCEZ: um instituto modelar

Lisboa vai tendo grandes colégios. Está neste caso o Colégio Francez, modelar estabelecimento de instrução, onde se lecciona o curso dos liceus completo, bem como todos os cursos comercias, O antigo estabelecimento que passou por grandes transformações e está magnificamente instalado é actualmente dirigido pelos notaveis pedagogos Srs.: Padre José dos Anjos Gaspar Borges, coadjutor da Freguezia dos Anjos. e prof. Romeo Candido de Matos Valerio